

O Planalto à procura de um líder

Gilberto Alves — 2/4/91

Bancada governista não tem parlamentar com perfil adequado

Celson Franco

BRASÍLIA — O Palácio do Planalto está procurando um político confiável, respeitado e que tenha bom trânsito entre os diversos partidos para exercer a função de líder do governo. Depois de analisar com o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, as bancadas governistas, o presidente Fernando Collor não encontrou ninguém que preenchesse os requisitos palacianos e preferiu, de acordo com um freqüentador assíduo do gabinete presidencial, “cozinhar a situação em banho-maria”. Isso significa manter, por enquanto, o esquema atual, com Ricardo Fiúza (PFL-PE) liderando o bloco PFL/PRN, e Humberto Souto (PFL-MG) na liderança interina do governo.

O presidente da República e o ministro da Justiça chegaram a pensar no nome do deputado Gastone Righi (SP), mas o movimento de vai-e-vem do PTB os fez descartar a opção. Procuraram no PRN, e não encontraram ninguém. O deputado Arnaldo Faria de Sá (SP) não faz brilhar os olhos dos ocupantes do Planalto. Apesar de ter bons quadros na avaliação do governo, o PDS é hoje “uma sigla maldita”. Segundo um parlamentar ligado ao presidente Fernando Collor, o deputado Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA) não tem a menor chance. Ele foi considerado “indecifrável” e “inflexível demais nas negociações”.

Perfil errado — A indicação do deputado Ricardo Fiúza para a liderança do governo, que estava certa até duas semanas atrás, fica suspensa por tempo indeterminado, com grande probabilidade de não acontecer. O líder do PFL enfrenta resistências poderosas dentro da bancada. Além disso, Fiúza teria compromissos com alguns setores do empresariado, que vêm merecendo do governo constantes ataques. Sua independência para o bom desempenho da função ficaria, por isso, comprometida, de acordo com um amigo do presidente.

Quarta-feira da semana passada, a deputada Roseana Sarney (MA), traduzindo pensamento do grupo pefelista ligado a seu pai, o senador José Sarney (PMDB-AP), encostou Fiúza na parede, durante um jantar da bancada, na casa do deputado Ezio Ferreira (AM). Na opinião de Roseana, o



Souto (E) é líder interino e Fiúza perdeu a chance

líder do PFL não pode assumir também a liderança do governo, porque isso significaria o alinhamento automático do partido com o Palácio do Planalto: “O governador Edison Lobão já está afinado com o governo Collor, mas nós ainda não”, alertou Roseana.

Fiúza não encontra apoio nem mesmo entre seus assessores. Praticamente todos eles acham que o deputado não deve aceitar a liderança do governo. Argumentam que “o Collor não é confiável”. Observam que “o presidente não gosta do Fiúza, e só o utiliza porque não tem alternativa”. Ressaltam que “ser líder deste governo é exercer a função de saco de pancadas, sem qualquer compensação, nem mesmo a da autonomia para negociar”.

Na semana passada, uma outra pedra foi colocada no caminho do deputado Ricardo Fiúza. Um jornal de circulação restrita ao Legislativo publicou, na primeira página, a notícia de que o presidente Fernando Collor, por motivos éticos, resistia à ideia de dar ao líder do PFL a liderança do governo, que está renegociando a dívida dos usineiros com a União: “O presidente vem se indagando como poderia seu líder ter autoridade moral para defender a opção do governo em favor dos usineiros. Afinal, estaria lutando em causa própria”. A reportagem, publicada também pelo *Jornal*

do Comércio, de Pernambuco, diz que Fiúza é dono da usina Bititinga, em Alagoas. Na verdade, a usina está em nome do filho mais velho de Fiúza.

Avalista — O líder do PFL contou que seu filho, Ricardo, decidiu comprar a usina do grupo Omena — falida, com um passivo de US\$ 32 milhões —, por achar que seu problema era simplesmente de gestão empresarial e negociou com os bancos privados prazo de 10 anos para pagamento de parte da dívida. Disse ainda que, aos poucos, foi resolvendo as dívidas com o INSS, FGTS, IAA, e que no final restou uma dívida de US\$ 5,3 milhões. Essa dívida, com o Banco do Brasil, estava sub-júdice. O líder diz que procurou o banco, na condição de avalista, para dizer que não tinha nada a ver com a ação do antigo proprietário e que queria saldar a dívida, de acordo com a capacidade de pagamento da empresa.

Ele argumentou que o diagnóstico de que a Bititinga passava por uma crise de má gestão empresarial era correto, mas ressaltou que a situação da empresa agravou-se do ano passado para cá, devido à compressão dos preços do álcool. Sua usina produz 140 mil litros de álcool por dia, e sua cota de venda ao governo — único comprador — é de 350 mil litros por mês. Ou seja: o governo adquire apenas 1/12 avos da produção, o que compromete o pagamento do restante da dívida.